



# INTRODUÇÃO

Escrever um livro que tenta definir a identidade de 1,3 bilhão de pessoas parece uma irrealizável e altamente pretenciosa tarefa. “Os chineses” é uma expressão que se refere a 20% da humanidade ou sete vezes o número de habitantes do Brasil. O pior é que nem todos eles são chineses no sentido estrito da palavra. No território que o mundo chama de China também vivem tibetanos, mongóis, muçulmanos uigures, yaos, miao, em um total de 55 grupos que se enquadram na classificação de “minorias étnicas” utilizada pelo governo de Pequim.

Outra dificuldade é que a China chegou ao século XXI como um país ainda majoritariamente agrícola. Apesar da transformação vertiginosa empreendida a partir do fim dos anos 1970, nada menos que 55% da população chinesa morava na zona rural em 2007 e estava submetida a um estilo de vida cada vez mais distante do desfrutado pelos habitantes das cidades.

Para completar, a China que existiu durante dois mil anos sob um regime imperial regido por normas relativamente estáveis enfrentou no século XX uma sucessão de revoluções e reveses sem paralelo na história. Os valores que orientaram a vida dos chineses durante milênios começaram a ruir no século XIX e foram colocados em xeque com o fim do Império, em 1911.

A Nova República foi para os chineses um período de desagregação, humilhação e guerra civil, no qual o país esteve prestes a se esfacelar. A Revolução Comunista de 1949 trouxe a promessa da unificação e do fim da pobreza que assolava a maioria esmagadora da população. Mas novas revoluções vieram dentro da Revolução. Experimentos maoístas como o Grande Salto Adiante (1958-1962) mataram milhões de pessoas de fome, e a insanidade da Revolução Cultural (1966-1976) esgarçou o tecido social e familiar ao máximo.

Desde 1978, os chineses vivem uma nova transformação radical, que trocou o igualitarismo comunista pela busca do enriquecimento sem nenhum pudor. O país abandonou o isolamento que o caracterizou durante trinta anos e abraçou a globalização com entusiasmo. Chineses que hoje têm 60 anos nasceram na véspera da Revolução Comunista, chegaram à vida adulta durante a Revolução Cultural e tinham pouco

mais de 30 anos quando o país embarcou nas reformas que levaram à implantação da economia de mercado.

A chinesa que corria o risco de praticar um desvio pequeno-burguês se usasse batom na Revolução Cultural hoje lê sobre concursos de miss no *Diário do Povo*, o jornal oficial do Partido Comunista, consome revistas estampadas com modelos e celebridades e assiste a uma explosão das indústrias de cosméticos e cirurgias plásticas.

O país que era o reino das bicicletas até o fim dos anos 1990 hoje é o segundo maior mercado automobilístico do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos, com oito milhões de carros vendidos em 2007, e a promessa de assumir o primeiro lugar do *ranking* em 2009. As mulheres que amarraram os pés e foram tratadas como acessórios durante séculos hoje são empresárias, cada vez mais fazem sexo antes do casamento e começam a abordar homens de uma maneira que seria inimaginável para suas mães. Ao mesmo tempo, o novo-riquismo reabilitou práticas que haviam sido extintas com a Revolução Comunista, como o concubinato. A instituição continua formalmente proibida, mas a possibilidade de ter várias amantes fora do casamento se transformou em um símbolo de *status* para os homens.

Os chineses que tentaram se manter isolados no fim do Império e ficaram enclausurados durante os quase trinta anos de governo maoísta hoje viajam o mundo com voracidade crescente. O povo que mal tinha telefone fixo no fim dos anos 1980 chegou a 2009 com 640 milhões de celulares e uma população de trezentos milhões de internautas – em ambos os casos, os maiores números do mundo.

Afinal, o que são “os chineses” nessa sucessão de Império, República, guerra civil, comunismo e economia de mercado em menos de um século? Sobra algo intrínseco e comum a todos na transformação vertiginosa iniciada em 1978? Há uma maneira chinesa de existir que distingue esse universo de 1,3 bilhão do restante da humanidade? Bem, a resposta é sim. Afinal, se eu não acreditasse nisso, este livro não estaria em suas mãos agora.